

Vidas Negras, nossas vidas!

Black Lives, our lives!

Daniella Corcioli

Wellengton Campos de Araújo

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa maior, que contou com a publicação de análises e resultados em um momento anterior, e que agora traz o restante das análises e fechamento do assunto, ainda que momentaneamente. Para esta nova empreitada pretendemos continuar nossas análises a respeito do infeliz episódio protagonizado pelo então presidente da Fundação Palmares Sérgio Camargo. Seguindo nossos objetivos, nos dispomos a analisar como a linguagem, nas postagens de internautas que defenderam Camargo, foi utilizada como forma de desqualificação e deslegitimação de movimentos antirracistas e também como forma de manipulação, conversão e cooptação de identidades negras no intuito de que elas pudessem vir a atender aos ideais hegemônicos e tradicionais vigentes. Assim como no estudo anteriormente publicado, as discussões e análises aqui também partiram da concepção de linguagem enquanto ação (AUSTIN, 1990, PINTO, 2012) e foram apoiadas nos conceitos de raça, representação e identidade, de Rajagopalan (2002, 2003), Hall (2006 e 2008), Woodward (2008) e Ferreira (2010), entre outros. Dentre os resultados mais contundentes estão o uso da linguagem na desqualificação e deslegitimação dos movimentos antirracistas a partir da representação dos integrantes desses movimentos enquanto vitimistas, desonestos e oportunistas.

Palavras-chave: Movimentos antirracistas; Linguagem e Ação; Representação.

Abstract: This article is part of a larger research, much data was already analyzed and published at an earlier time. For now, we bring the final part of the analyzes and the closure of the subject, albeit momentarily. For this new endeavor, we intend to continue our analyzes regarding the unfortunate episode led by, at the time of the research data collection, the principal of Fundação Palmares - Sérgio Camargo. Following our objectives, we set out to analyze how language, in the posts of internet users who defended Camargo, was used as a way of disqualifying and delegitimizing anti-racist movements and also as a way of manipulating, converting and co-opting black identities so that they could come to meet current hegemonic and traditional ideals. As in the previously published study, the discussions and analyzes here also started from the conception of language as action (AUSTIN, 1990, PINTO, 2012) and were supported by the concepts of race, representation and identity, by Rajagopalan (2002, 2003), Hall (2006 and 2008), Woodward (2008) and Ferreira (2010), among others. Among the most striking results are the use of language in the disqualification and delegitimization of anti-racist movements based on the representation of members of these movements as victimists, dishonest and opportunists.

Key words: Anti-racist movements; Language and Action; Representation.

Recebido em 11 de outubro de 2023.

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

Introdução

Conforme mencionado, este artigo corresponde à segunda e última parte das análises de um estudo maior, publicado anteriormente (ROCHA; ARAÚJO, 2022). O estudo, desde a sua primeira parte, buscou analisar as postagens de internautas defendendo vários episódios racistas e violentos envolvendo uma autoridade de uma entidade que, a princípio, deveria zelar para o cumprimento das leis e apoiar movimentos e iniciativas anti-racistas. Para essa parte das análises, consideramos os mesmos aportes teóricos e caminhos metodológicos, salvo algumas poucas modificações que se fizeram necessárias devido às especificidades das análises. Ressaltamos, porém, que a parte relacionada às análises e fechamento são completamente inéditas e com desdobramentos que ora se assemelham e ora se distanciam em pouca medida da primeira parte, já publicada, do estudo.

Antes de adentrarmos especificamente o assunto aqui tratado, vale contextualizar, ainda que brevemente, alguns episódios que, embora não sejam isolados ou raros, geraram grande repercussão nos noticiários mundiais dos últimos tempos: a morte de George Floyd¹, homem negro asfixiado covardemente por policiais brancos em Minneapolis (EUA) no final do mês de maio em 2020, que motivou uma onda de protestos contra o racismo em várias partes do mundo, inclusive no Brasil é um desses episódios que merecem destaque em nível mundial. Em terras brasileiras, muitos protestos recentes fizeram e fazem ecoar o sofrimento de famílias de milhares de pessoas negras mortas recentemente pela polícia. Em especial esses protestos, chamam a atenção para casos muito marcantes, com flagrantes episódios de truculência e violência extrema e injustificada, como é o caso da morte de Genivaldo de Jesus Santos, assassinado sem pudores, diante de câmeras de celulares e dos olhos de muitos transeuntes em uma espécie de câmara de gás adaptada no porta-malas de um carro. E também da morte de João Pedro Mattos Pinto, um adolescente negro de 14 anos, assassinado dentro de casa enquanto

¹ E de tantos outros como a de Daniel Prude (com problemas mentais, imobilizado e sufocado por um capuz anti-cuspe), Breonna Taylor (assassinada dentro de casa supostamente por engano), Djon Kizzee (ciclista morto com vários disparos após ser parado por cometer suposta infração de trânsito) e Jacob Blake, atualmente paraplégico após ser alvejado sete vezes por policial branco.

brincava com primos, em mais uma das muitas demonstrações cotidianas de nosso racismo estrutural² e endêmico.

Ou seja, entendemos que esses assassinatos se deram em decorrência do padrão determinado pela matriz estrutural racista formada por valores, ideologias e estereótipos discriminatórios em relação às pessoas negras. Essa mesma matriz está arraigada aos departamentos de polícia e se manifesta por meio de diversas ações do racismo institucional, repreendendo, criminalizando e assassinando a população negra ao mesmo tempo que desqualifica o movimento negro³ nas lutas pelo direito de sobreviver e existir como igual.

Nesse sentido é que chamamos a atenção para o fato de que nós brasileiros lidamos, cotidianamente, com a truculência cada vez mais exacerbada de representantes do governo, que não poupam violência, ameaças, palavrões e falta de consideração com quem quer que seja. Em meio a tantos exemplos de violência física e verbal, falta de decoro profissional e, principalmente, escassez do mínimo de respeito aos direitos civis, trazemos à baila para as novas discussões, mais declarações de internautas sobre a repercussão de algumas declarações⁴ do então presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, direcionadas ao movimento negro, a Zumbi dos Palmares e também a algumas integrantes de religiões de matriz africana. Acreditamos que, por meio da análise das manifestações de internautas sobre as palavras severamente ofensivas de Camargo, poderemos abordar e discutir especificidades importantes da configuração do racismo no Brasil.

Embora não seja nosso objetivo discutir ou problematizar o teor das declarações ultrajantes e cruéis de Camargo que geraram as manifestações dos internautas que separamos para análise, será abordado em um momento inicial da parte da discussão dos

² Escolher abordar o preconceito racial pelo viés do racismo estrutural evita a possibilidade de minimizarmos ou de reduzirmos nosso racismo a episódios pontuais, eventualmente praticados por pessoas ditas criminosas ou irracionais. Isso porque o racismo estrutural está ligado ao racismo institucional ou à forma como nossas instituições estão organizadas, atuando e contribuindo para o aumento da desigualdade e das desvantagens que afetam determinados grupos marginalizados. Assim, o racismo estrutural é parte de um processo social, histórico e político que elabora e compactua com mecanismos para que as pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática. Ele é determinado por preceitos, a partir de uma ordem social estabelecida, que normalizam e concebem como verdades padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça (ALMEIDA, 2018).

³ Por entendermos que os termos “movimento(s) negro(s)” e “movimento(s) antirracista(s)” não competem entre si, mas dizem respeito a movimentos que lutam pelos mesmos direitos e, portanto, possuem as mesmas pautas em defesa das populações negras, eles serão usados de forma intercambiável ao longo deste texto.

⁴ Essas declarações são provenientes de áudio gravado durante uma reunião entre Camargo e dois servidores da referida fundação no dia 30 de abril de 2020.

dados essas declarações de Camargo. Faremos isso a fim de demonstrar o teor maléfico e infeliz de seu comportamento inaceitável enquanto presidente da Fundação Palmares e as posteriores consequências de seus atos. Ainda que essas declarações sejam abordadas apenas tangencialmente, elas poderão situar nosso leitor a respeito da discussão por ora engendrada, visto que nosso foco de análise é a repercussão de suas palavras entre os vários internautas que leram diferentes reportagens veiculadas em sites que abordaram o assunto⁵ e apoiaram as declarações de Camargo. Outrossim, o objetivo, ao problematizar essa repercussão, é analisar como a parcela dos internautas que defendeu Camargo fez uso da linguagem para posicionar e para desqualificar os movimentos negros antirracistas e as lutas por igualdade de oportunidades e de direitos.

Trazemos também como objetivo, discutir como essa mesma parcela justificou suas posições frente ao racismo e fez uso distorcido de supostos fatos históricos, econômicos, sociais ou culturais, se utilizando de variados subterfúgios, dentre eles a inexistência do racismo estrutural, para: ora negar a existência da discriminação; ora deturpar e distorcer as bandeiras e as reivindicações de diversos grupos de resistência. Nesse mesmo caminho, pretendemos discutir, ainda, como os conceitos de raça e de preconceito racial, dentre outros, foram representados pelos internautas e como eles se utilizaram de variadas manobras argumentativas no intuito de docilizar e, até mesmo, culpabilizar a parcela economicamente excluída da população pela situação de desigualdade em que se encontram.

Tendo esses objetivos em mente, foi elaborada uma pergunta de pesquisa que guiou nossas investigações tanto nas análises do primeiro artigo publicado quanto deste: Quais foram as formas de representação dos movimentos negros antirracistas nas postagens analisadas e como a linguagem foi mobilizada e agiu no sentido de desqualificar, docilizar e converter identidades negras no intuito de que elas pudessem vir a atender aos ideais hegemônicos e tradicionais vigentes?

O presente artigo encontra-se dividido em seis partes em que pretendemos analisar e discutir esse tão importante assunto, por vezes propositalmente invisibilizado em nossa sociedade racista e discriminatória.

⁵ Maiores detalhes em relação à reportagem, coleta do *corpus* e também os nomes dos *sites* consultados serão fornecidos na parte relativa aos caminhos metodológicos deste estudo.

1 Os conceitos de raça e identidade

Ao iniciar nossas discussões teóricas, buscaremos primeiramente elucidar a forma como entendemos certos conceitos fundamentais a este estudo, como raça e identidade. Em seguida, discorreremos acerca da visão de linguagem que norteia nossas análises e concluiremos esta parte com elucidações acerca do conceito de representação utilizado também durante as análises.

De acordo com Nunes (2014) é difícil fazer referência e definir a palavra raça pois esse é um conceito questionado por pesquisadores de todas as áreas e eles ainda não chegaram a um consenso. De acordo com a autora,

não é possível delimitar grupos humanos marcados por diferenças biológicas a ponto de configurar raças. Entretanto, tal concepção secular de hierarquização humana continua presente nas relações sociais (NUNES, 2014, p.103).

Ao reconhecer o fato de que o conceito de raça está ligado a uma das formas de hierarquização e que esta forma continua presente nas relações sociais, Nunes (2014) demonstra compartilhar as mesmas opiniões de Hall (2006, p.63), para quem a “raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica” (grifo no original) ou seja, “contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica” (p.62), não sendo, portanto, parâmetro possível de ser utilizado na distinção entre um povo e outro. No entanto, apesar de não ser uma categoria biológica, é uma categoria discursiva presente e, de forma muito ativa, balizadora das diversas dinâmicas sociais desde há muito. Segundo Hall (2006, p. 63) raça é

a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro.

Ou seja, do ponto de vista genético ou biológico o conceito de raça não pode ser aceito para delimitar fronteiras ou operar distinções discriminatórias, mas a discriminação é consolidada com base em um leque de características físicas que adquirem contornos simbólicos fortes o bastante para justificar a diferenciação, a segregação e a exclusão de determinados grupos em relação a outros.

Apesar de hoje não serem mais aceitas, nos meios científicos, definições de raça que se apoiam em argumentos biológicos ou atributos genéticos, a questão da diferenciação e do estabelecimento da supremacia de determinada raça já foi, em outros tempos, utilizada, com o apoio da ciência, inclusive como forma de segregação e dominação de um povo sobre outro, como infelizmente podemos citar a escravidão dos negros africanos e o nazismo. Se em tempos de dominação e guerras por territórios a subjugação esteve a serviço da prosperidade dos países conquistadores, em um período posterior, abolida a escravidão, os diferentes povos que habitavam um mesmo país precisaram ser incorporados para trabalhar em prol dos interesses da nação. O sentimento de nacionalismo precisava ser forjado e, assim, por meio da desconsideração das diferenças entre os membros de uma sociedade, projetava-se a fabricação de uma identidade cultural unificada, uma identidade que pudesse representar a todos como “pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59). O autor traz uma citação de Gilroy (1992, p. 87, *apud* HALL, 2006, p. 64) que complementa sua argumentação:

Enfrentamos, de forma crescente, um racismo que evita ser reconhecido como tal, porque é capaz de alinhar “raça” com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras ideias de inferioridade e superioridade biológica busca, agora, apresentar uma definição imaginária da nação como uma comunidade cultural unificada. Ele constrói e defende uma imagem de cultura nacional – homogênea na sua branquidade, embora precária e eternamente vulnerável ao ataque dos inimigos internos e externos... Este é um racismo que responde à turbulência social e política da crise e à administração da crise através da restauração da grandeza nacional na imaginação.

Como podemos perceber, o preconceito e a discriminação por meio de critérios ligados à raça, antes justificado por argumentos e definições biológicas ou genéticas, jamais deixou de operar em nossa sociedade. No entanto, ao longo do tempo os argumentos ditos científicos, que justificavam sua continuidade, precisaram ser substituídos em nome de um bem maior: o fortalecimento do estado nação, apoiado no sentimento de que todos, não obstante diferenças intrínsecas, comungam de uma mesma identidade cultural. A esse respeito, Hall (2006, p. 59) afirma que

[P]ara dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional.

Concluindo essa parte inicial de elucidações acerca dos termos raça e racismo, e os significados deles em nosso estudo, podemos dizer que, conforme os autores supracitados, ultrapassados os argumentos de ordem genética, o racismo continua presente, atuante e operando com base em algumas características físicas somadas a práticas culturais destoantes da cultura hegemônica branca. Sendo que, tais práticas e características físicas passaram a constituir as bases simbólicas que servem para justificar as práticas de discriminação. Ao mesmo tempo e paradoxalmente, conforme poderemos constatar nas manifestações em favor de Camargo, essas mesmas bases simbólicas, arraigadas a características físicas e a determinadas práticas culturais, operam no sentido de também negar a existência dessa segregação racial e de recusar a admissão de que a violência contra a população negra possa ser decorrente de alguma forma de preconceito de raça. Conforme poderemos constatar posteriormente, segundo as opiniões dos internautas analisados, o que existe não é racismo, mas tão somente uma intolerância relacionada a determinada parcela da população que teima em advogar em favor da separação do povo brasileiro em raças distintas enquanto, segundo eles, deveriam trabalhar em prol da união, do interesse e do bem comum da nação. Continuaremos essa discussão na parte relativa às análises dos dados, tendo como base as argumentações coletadas. Por ora passamos a discorrer sobre o conceito de identidade.

Para situar a definição de identidade utilizada neste trabalho buscaremos mais uma vez o apoio dos estudos culturais, que têm em Hall (2006, 2008) um de seus mais significativos expoentes. De acordo com o autor três concepções básicas de identidade têm acompanhado a nossa história recente. A primeira, fundamentada nas noções do sujeito do Iluminismo, é condizente com a concepção de indivíduo centrado, unificado, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo o mesmo ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2006, p. 10, grifo no original). A segunda concepção de identidade acompanha a noção de sujeito sociológico e é, portanto, chamada de concepção sociológica. Essa concepção, segundo Hall (2006, p. 11)

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas

importantes para ele”, que mediavam para o sujeito valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (grifos no original).

Segundo o autor a identidade na concepção sociológica serve para costurar o sujeito à estrutura à qual ele pertence, ela preenche o espaço entre o mundo interior e o mundo público e “contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2006, p. 12). No entanto, conforme argumenta o autor, o processo de identificação utilizado por nós para projetarmos nossas identidades culturais tornou-se problemático e provisório a partir das mudanças no mundo e nas paisagens sociais, o que acaba por produzir o sujeito pós-moderno, sem a possibilidade de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nesse novo contexto, o “sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (p.13). Assim, a identidade

plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

As palavras de Hall podem ser complementadas por Rajagopalan (2003, p. 71), que afirma que as identidades estão em “permanente estado de transformação e de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo”. Nesse sentido, para Rajagopalan (2002), a identidade é percebida hoje como algo que está em constante processo de (re)construção, sendo “um construto e não algo que se encontra por aí, *in natura*” e, assim, ela precisa ser constantemente reivindicada e não encontrada (RAJAGOPALAN, 2002, p.77). Freitas (2006 p. 237) completa essa ideia ao salientar que “nós somos o que somos porque reivindicamos o tempo todo o que queremos ser”.

De acordo com Ferreira (2010, p. 20) “a problemática da identidade envolve necessariamente uma discussão sobre as noções de diferença, da subjetividade, da alteridade e da exclusão”. Essas noções evidenciam-se a partir do momento em que são

instituídas as separações binárias entre *o nós* versus *eles* ou *o mesmo* versus *o outro*, sendo que *o outro* é sempre visto como o diferente e historicamente representado pela “ausência de um traço, por uma falta. Enquanto a instância do *mesmo* é representada por uma positividade” (FERREIRA, 2010 p. 22, grifo no original). Essa relação binária se constitui em uma relação de poder em que a instância do *nós* ou do *mesmo* possui o poder de excluir, posicionar ou de estabelecer lugares para os indivíduos classificados como *eles* ou *outro*. Restando ao *eles* e ao *outro*, ou seja, à parcela excluída, reivindicar legitimidade e os mesmos direitos reservados ao *nós* ou ao *mesmo*.

Nesse sentido, a reivindicação da identidade se dá sempre pela parcela privada ou excluída dos direitos e privilégios de que gozam a parcela hegemônica, com poder de decisão e, por isso, ela é “algo reclamado por quem precisa de um lugar para, a partir dele, reivindicar direitos” aparecendo como uma “bandeira de luta dos excluídos de uma ordem de direitos” (FERREIRA, 2010, p. 25). E essa reivindicação da identidade não acontece sem que seja preciso reconhecer e legitimar a identidade dominante. De acordo com Ferreira (2010, p. 23) “o excluído, ao reivindicar legitimidade a partir de uma identificação *com*, funda também (e legitima) a identidade dominante que o excluiu de uma dada ordem” (grifo no original).

Para Rajagopalan (2002) a reivindicação da identidade se dá através da linguagem e da representação, sendo que a identidade de qualquer pessoa se constitui na língua e através dela. Segundo o autor, em se tratando de identidade a “questão da política da representação adquire suma importância, pois é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas” (RAJAGOPALAN, 2002, p.86). Nesse sentido, urge a necessidade de tecermos considerações sobre o papel da linguagem e da representação na constituição, afirmação e reivindicação identitária de indivíduos e grupos sociais.

2 Linguagem, ação e representação

Diante do papel primordial da linguagem na reivindicação não só da identidade, mas também dos direitos básicos a qualquer ser humano, durante as análises deste estudo utilizaremos os estudos pragmáticos e a visão de linguagem enquanto ação e não apenas enquanto comunicação, representação do mundo ou expressão de pensamentos. A opção por essa visão de linguagem se coloca em face da urgência de deixarmos de lado nossas visões ingênuas para reconhecer o poder das palavras enquanto instrumento ético e

político em nossa sociedade. Assim, a partir da consideração da linguagem enquanto ação ética e política, o falar não mais pode ser encarado como forma de declarar, representar ou descrever as coisas do mundo, mas como forma de agir ou como forma de intervir na realidade.

Considerar a linguagem enquanto ação significa, assim, atentar-se para o seu viés performativo, entendendo, como Austin (1990), que, por dizermos algo, realizamos ações que vão além do simples proferimento de palavras. Isso porque nossos proferimentos, somados às circunstâncias em que eles ocorrem, servem para produzir efeitos, para agir sobre a realidade e sobre outros sujeitos, para excluir ou incluir, para posicionar os sujeitos e também para criar e performar fatos e realidades. De acordo com Pinto (2012, p. 75), “[d]izer é fazer: a prática social que chamamos linguagem é, para a Pragmática atual, indissociável de suas consequências éticas, sociais, econômicas, culturais” (grifos no original).

Nesse sentido, tomar a linguagem em seu caráter performativo significa levar em consideração que cada proferimento nosso opera uma ação na nossa realidade imediata e para além dela, significa admitir que a linguagem assume o poder de criar situações a partir do que é dito. Por isso, segundo Austin (1990), o que há na linguagem são atos de fala que não somente refletem ou relatam uma realidade, mas a criam, ou realizam ações pelo simples fato de serem ditos. Os escritos de Oliveira (2010), corroboram esses pensamentos, à medida que, segundo o autor, o uso da linguagem deve ser entendido como

[...] uma ação, um comportamento linguístico e não-linguístico performativo (a performatividade é intrínseca à própria linguagem e não algo que se acrescenta a ela). Ao produzirmos um texto oral, escrito ou gestual, fazemos uso de uma linguagem visando criar efeitos em nossos interlocutores, alterar estados de coisas da realidade ou alterar os próprios estados mentais. Trata-se de um ato intencional e político, aqui entendido como uma articulação individual dentro da dinamicidade semiótica social, que objetiva sempre alterar estados do sujeito ou do mundo (OLIVEIRA, 2010, p. 216).

A respeito do uso da linguagem visando ao objetivo de alterar os estados do sujeito ou do mundo, citamos também Mey (1985, p. 16), que esclarece o fato de que “nosso uso da linguagem cimenta os interesses dominantes de nossa sociedade, ajudando a oprimir um grande segmento da população”. É por isso que a visão pragmática de linguagem

enquanto ação atende tão bem aos nossos propósitos de analisar as opiniões e reações veiculadas por internautas em defesa de atitudes preconceituosas e ofensivas de Sérgio Camargo, então presidente da Fundação Palmares. Reafirmamos isso porque, por meio dessa visão de língua, pretendemos, dentre outras coisas, discutir o papel da linguagem na manutenção de uma realidade e na reiteração e consolidação de práticas seculares de preconceito e discriminação contra a população negra.

Pinto (2012) é uma outra autora que corrobora os pensamentos de Mey (1985), acrescentando que

[o]s conflitos consequentes das relações entre homens e mulheres, entre professor/a e aluno/a, entre brancos/as e negros/as, ou entre judeus/júdiás e antissemitas podem ser identificados linguisticamente (PINTO, 2012, p. 70-71).

Para que possamos identificar tais conflitos, necessário se faz atentar-nos para o papel da linguagem na sociedade e para a importância da relação intrínseca, até então muito negligenciada nas análises linguísticas, entre o proferimento em si, o sujeito que fala, o lugar, a ocasião do proferimento e o sujeito para quem se fala. A consideração da relação entre esses elementos em qualquer ocasião de fala é fundamental, pois a fusão deles possibilita a transformação do proferimento, ocorrido em um determinado momento e em um dado contexto, em uma ação, ou em um ato sobre a realidade, e não apenas a sua consideração como um mero momento de descrição de uma realidade, ou de transmissão de uma verdade instituída como, até então, éramos levados a crer.

É nesse sentido que Marcondes (1990, p. 11) nos alerta que, a partir dos estudos de Austin, o conceito de “significado se dissolve, dando lugar a uma concepção de linguagem como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos falantes”, pois o significado não mais se restringe à palavra, mas é construído e dependente de todos esses fatores (contexto, convenções de uso e intenções do falante). Sendo assim, a partir da consideração da linguagem pelo viés performativo, a análise da sentença dá lugar à “análise do ato de fala, do uso da linguagem em um determinado contexto, com uma determinada finalidade e de acordo com certas normas e convenções” (p.11). De acordo com o autor, também, sob o paradigma defendido por Austin, o objeto de análise passa a ser “as condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produzem certos efeitos e consequências em uma dada situação”

(MARCONDES, 1990, p. 11-12), no nosso caso, os efeitos de desqualificar e subjugar pessoas, formações identitárias e movimentos sociais.

Em estreita relação com a identidade, com linguagem e com a ação operada por meio das palavras nos mais variados contextos, está o conceito de representação e seu poder de também posicionar e agir sobre a realidade. Neste estudo nos apoiamos no conceito pós-estruturalista de representação que, para autores como Hall (2008), Rajagopalan (2003), Silva (2008) e Woodward (2008), dentre outros, é um sistema linguístico e cultural que atua no sentido de produzir significados e atribuir sentidos, contribuindo, dessa maneira, para o posicionamento dos sujeitos em determinado grupo ou sociedade.

Adotar o conceito pós-estruturalista de representação significa rejeitar a ideia clássica de representação enquanto “busca de formas apropriadas de tornar o “real” presente – de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação” (SILVA, 2008, p. 90, grifo no original), comum na história da filosofia ocidental. E isso significa dizer que os pós-estruturalistas rejeitam, sobretudo, “quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica” (SILVA, 2008, p. 90) e incorporam “todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem” (SILVA, 2008, p. 91). Nesse sentido, o segundo o autor também (2008, p. 91), a representação é um sistema linguístico e cultural “arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

Para Woodward (2008, p.17), a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos “por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”. Sendo que, segundo a autora, é “por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2008, p.17). Ainda segundo a autora, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (p.17) estabelecendo, assim, identidades individuais e coletivas. Não podemos deixar de mencionar, é claro, o fato de que todas “as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (p. 18). Silva (2008, p. 91) resume com maestria a relação entre identidade, linguagem, produção de significados e representação ao afirmar que

[Q]uem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação.

Tendo tratado, ainda que brevemente, das conceituações, dos sentidos e dos papéis atribuídos à linguagem e à representação e tendo concluído essa parte destinada à fundamentação teórica do estudo, passamos às questões metodológicas.

3 Caminhos e métodos

Dadas as suas características intrínsecas, essa pesquisa é considerada de cunho interpretativo, pautada na abordagem qualitativa que, assim como defendido por Minayo (1995, p. 21-22),

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em acordo com a abordagem qualitativa de cunho interpretativista, lançamos olhos às diferentes formas pelas quais as pessoas interpretaram um fato em particular e se utilizaram da *internet* para veicular suas opiniões a respeito dele, uma vez que “o sistema de interpretação tem uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio e entre os membros de um mesmo grupo” (SÊGA, 2000, p. 06). A esse respeito, Santos (2012, p. 4), afirma que “devido à inescrutabilidade da referência⁶, não há limites para uma interpretação”, o que contribui para romper “a ideia de haver algo [...] que se submeta à atividade interpretativa sem que por ela seja afetado de forma significativa” (RAJAGOPALAN, 1996, p. 227). Nesse sentido, Santos (2012, p. 4) citando Derrida (1991) conclui “que a única base para a interpretação é o posicionamento ético de quem interpreta”.

⁶ O conceito de inescrutabilidade da referência, de autoria do filósofo e lógico norte-americano Willard Van Quine (1960), pode ser grosseiramente definido como a impossibilidade de determinação absoluta do significado de palavras e sentenças.

Seguindo essa premissa, nos atentamos para um posicionamento ético em relação aos proferimentos dos internautas pesquisados, mesmo que fossem de teor desqualificante e discriminatório, levando sempre em consideração que, conforme argumenta Santos (2012, p. 18), “os limites para a interpretação daquilo que é dito envolvem história, ideologia, relações de poder e conflitos de interesse”. Justamente por entendermos que, em pesquisas qualitativas de natureza interpretativista, a interpretação do pesquisador é de fundamental importância, devemos pontuar que não houve, aqui, a pretensão de se chegar a algum tipo de generalização de fatos e/ou de comportamentos observados. Ao contrário, buscamos investigar e compreender o acontecimento específico pesquisado de uma maneira mais aprofundada. Isso porque entendemos que a pesquisa qualitativa de cunho interpretativista se destina à observação e interpretação de realidades que, por força das circunstâncias, precisaram ser recortadas e fragmentadas.

A coleta dos dados foi realizada, entre os dias 04 e 06 de junho de 2020 em algumas páginas de notícias na *internet* como *site* G1 da rede Globo de televisão, página *online* do jornal Folha de São Paulo e *site* de notícias Terra⁷. Para coletar os dados, os pesquisadores digitaram as palavras “escória maldita Sérgio Camargo” no navegador *Google*. Logo então, o *site* forneceu diversos *links* que abordavam o tema, sendo que os três primeiros foram os selecionados. Os recortes selecionados dizem respeito às opiniões de internautas sobre o posicionamento do então presidente da Fundação Zumbi dos Palmares Sérgio Camargo que, durante uma reunião que aconteceu no dia 30 de abril de 2020 com dois dos servidores da referida fundação, num ato discriminatório, se declarou contra o movimento negro o qual chamou de escoria maldita⁸. Em acordo com os objetivos desse estudo, foram coletadas, ao todo, 48 opiniões de internautas⁹ sobre o referido assunto, sendo que as opiniões coletadas são, exclusivamente, pertencentes aos internautas que estavam defendendo, completando ou endossando as atitudes preconceituosas e discriminatórias de Camargo. A partir de várias leituras foram

⁷ As referências completas das páginas da *internet* consultadas encontram-se em quadro explicativo no corpo do trabalho.

⁸ Maiores detalhes sobre as exatas palavras de Camargo serão fornecidos na parte relativa às análises dos dados.

⁹ Em relação aos perfis dos internautas, optamos pela padronização da identidade de gênero, pois dentre os perfis analisados não há como realizar a marcação de gênero masculino ou feminino devidos aos perfis *fake*. Dessa forma, por uma questão estética do texto decidimos identificar os internautas apenas pelo gênero masculino, conseqüentemente deixando a leitura mais fluida.

selecionadas 11¹⁰ excertos que consideramos mais relevantes, dentre alguns que traziam teor repetido ou que continham apenas xingamentos e ofensas gratuitas e que, por isso mesmo, não se faziam produtivas aos nossos objetivos. Essa, foi, assim, a forma utilizada por nós pesquisadores para coletar nosso material de pesquisa e essas opiniões selecionadas constituem, portanto, os recortes que foram utilizados nas análises neste estudo.

A fim de facilitar a leitura e interpretação de nossos dados e discussões, na próxima seção, relativa à análise dos dados, apresentaremos diversos excertos que aparecerão enumerados em ordem crescente e, ao final de cada um, traremos uma legenda entre parênteses. Na legenda, as duas ou três primeiras letras maiúsculas corresponderão às iniciais do nome e sobrenome da pessoa que emitiu a opinião. As duas ou três últimas, separadas por um traço (-) corresponderão ao *site* de onde foram retiradas, como no exemplo a seguir:

[01]. Tá certo ele... Como você chamaria um movimento que acredita no valor das pessoas com base na cor da pele? Só errou ao não completar a sentença... não é "escória maldita", é escória nazista maldita! [DR-GL]

DG corresponde às iniciais do internauta e GL ao *site* de onde tiramos a opinião, nesse caso o *site* Globo G1. Outrossim, vale mencionar que não adequamos as postagens selecionadas para o português padrão. Optamos por manter a escrita original a fim de preservar todos os pormenores contidos no excerto. Pontuações, aspas, abreviações e destaques também foram mantidos tal qual aparecem nos textos originais. A seguir trazemos um quadro com os nomes dos *sites*, endereços e suas respectivas legendas.

	<i>SI</i> <i>TE</i>	ENDEREÇO ELETRÔNICO DA REPORTAGEM	LE GENDA
1	G lobo G1	https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/sergio-camargo-presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita-em-reuniao.ghtml	GL

¹⁰ Salientamos que a restrição em relação à quantidade de 11 excertos foi devido, também, às restrições de espaço para análise em um artigo. Assim, em vez de optarmos pela análise de um número alto de excertos, priorizamos um número reduzido para propiciar um tratamento mais cuidadoso e um debate mais acurado do tema em questão.

2	F olha de São Paulo	https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/6137847?skin=folhaonline	FS P
	T erra	https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/movimento-negro-e-escoria-maldita-diz-sergio-camargo,c40ff8b50aac1fa2ed55593eabee7e8aj1um9xrw.html	TR

Quadro 1 – Nomes dos sites consultados e respectivas legendas.

Tendo tratado das considerações teóricas e metodológicas, passamos, então, à análise dos dados deste estudo.

4 Linguagem, identidades e movimentos antirracistas: discussões

Antes de iniciarmos as análises das postagens dos internautas que defenderam Sergio Camargo no episódio de que trata este artigo, é nossa intenção contextualizar a situação em que se deram tais postagens. Para isso traremos abaixo alguns recortes, das partes mais relevantes a este estudo, relacionadas à gravação de uma reunião entre Camargo e mais dois funcionários da Fundação Palmares, ocorrida após o sumiço de um celular corporativo no dia 30 de abril de 2020¹¹. Foi precisamente nessa reunião que as referidas ofensas e agressões verbais se deram. Mais uma vez salientamos que não é objeto de nossa análise nenhum dos proferimentos de Camargo, mas as reações dos internautas a eles, pois é a partir dessas reações que pudemos detectar a presença e a forma de operação do racismo estrutural presente e ativo em nossa população. Passando à contextualização, temos que, após o sumiço de um celular corporativo nas dependências da Fundação Palmares, Camargo questiona e acusa membros do movimento negro de o terem roubado proferindo as seguintes palavras³:

“Quem poderia? Alguém que quer me prejudicar, invadindo esse prédio aqui pra me espancar. Quem poderia ter feito isso? Invadindo com a ajuda de funcionários daqui. O movimento negro, os vagabundos do movimento negro, essa escória maldita”.

Mais adiante, parte para as ofensas a Zumbi dos Palmares:

¹¹ As frases provenientes da gravação, divulgadas primeiramente pelo jornal O Estado de São Paulo, estão disponíveis no site do G1.Globo: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/sergio-camargo-presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita-em-reuniao.ghtml>.

“Não tenho que admirar Zumbi dos Palmares, que pra mim era um filho da puta que escravizava pretos. Não tenho que apoiar Dia da Consciência Negra. Aqui não vai ter, zero – aqui vai ser zero pra Consciência Negra. Quando eu cheguei aqui, tinha eventos até no Amapá, tinha show de pagode com dinheiro da Consciência Negra. Aí, tem que mandar um cara lá, pra viajar, se hospedar, pra fiscalizar... Que palhaçada é essa?”

Em seguida, se mostrando indignado porque teria que reembolsar a fundação pelo celular, parte para as agressões e ameaças aos ditos esquerdistas

“Agora vou ter que devolver celular. Por uma liminar que me censurou, por causa das minhas opiniões em redes sociais. Porque a esquerda acha que é propriedade, negro é uma propriedade dela. Não tem direito a livre opinião, só pode expressar a opinião da cartilha. Vocês vão se foder... Se tiver um esquerdistista aqui, vocês me digam, onde está esse filho da puta, que eu quero exonerar. Ou demitir. Ou mandar pra outro órgão, se for efetivo”.

Como se não bastasse, mais adiante partiu para o ataque a uma mãe de santo, acusando funcionários de repassar informações a ela que, então, estava repassando à imprensa, além de estar, supostamente, fazendo “macumba” para ele e tentando organizar uma invasão ao órgão:

“Tem gente vazando informação aqui pra mídia. Vazando pra uma mãe de santo, uma filha da puta de uma macumbeira. Uma tal de Mãe Baiana, aquela que infernizava a vida de todo mundo. É. Além de fazer macumba pra mim, essa miserável tá querendo agitar invasão aqui de novo. Eu sei, tem gente no grupo dela de WhatsApp. Tinha esquema. Não vai ter nada, nada pra terreiro, da Palmares, enquanto eu estiver aqui dentro. Nada, sério. Macumbeiro não vai ter nenhum centavo”.

Tendo contextualizado nosso leitor a respeito dos proferimentos de Camargo que levaram vários internautas a saírem em sua defesa, passamos às análises dos dados desse estudo. Iniciamos recordando a pergunta que guiou nossas análises: Quais foram as formas de representação dos movimentos negros antirracistas nas postagens analisadas e como a linguagem foi mobilizada e agiu no sentido de desqualificar, docilizar e converter identidades negras no intuito de que elas pudessem vir a atender aos ideais hegemônicos e tradicionais vigentes?

Iniciamos nossas análises abordando o primeiro excerto selecionado:

[1] Gostei do cara! Sem mimimi ! Não se vitimiza! Tb sou preto (moreno claro). Meu apelido é negão! Desde a escola, nunca me fiz de coitado [DM-GL]

[2] Boa... **esse me representa!** ... chega de coitadismo por causa da cor da pele... **sou negro e posso entrar onde minha fé e determinação me levar, meu limite está na mente e não na cor da minha pele....** bora pra cima, depender só de DEUS e do meu esforço. **tirando os palavrões** SÉRGIO CAMARGO, está APROVADÍSSIMO. [DS-GL]

Nos excertos [1] e [2] acima, é possível perceber a tentativa de desqualificação do movimento negro antirracista pela negação de pertencimento de autodeclarados negros que se veem representados nas ações de Camargo, afirmando, como supracitado, que o movimento atacado por Camargo, não os representa, pois não abarca a todos os negros, logo, sequer podem ser considerados como movimento negro. Ou seja, mais uma vez internautas autodeclarados negros negam a existência das pautas antirracista se incluindo ao “nós”, que não é o “nós” do movimento negro, mas um “nós” que pertence ao outro lado, que contém negros “não coniventes” com os movimentos de esquerda, como mencionado.

Seguindo essa premissa, constatamos que há uma tentativa de conversão e/ou docilização do movimento antirracista, cujos integrantes são representados nos excertos como vândalos, baderneiros, bandidos e massa de manobra, a fim de se obter privilégios. A existência de tamanha propagação racista destrutiva acaba intensificando sentimentos de desistência, renúncia e abdicação, visto que gera a sensação de uma batalha perdida e acaba por fazer com que muitos negros abandonem seus ideais e passem a viver dentro desse espaço de negação dos próprios direitos de existência como seres humanos iguais. Logo, o espaço que o negro ocupa (a margem)¹² acaba se tornando “suficiente” e, conseqüentemente, leva muitos negros a acreditar no discurso de que a desigualdades raciais ou o racismo de fato não existem, como podemos ver no excerto 7, o que os tornam parte e reprodutores do sistema estrutural do racismo contra pessoas de seu próprio recorte

¹² A margem consiste no espaço em que os recortes identitários sociais encontram-se subalternados pela hegemonia que se afirma no *status quo*. E quando algum recorte se reconhece na margem passa a compreender os níveis de desigualdade presentes nas esferas sociais e passam a buscar os direitos invisibilizados e negados, a saber, o movimento negro antirracista.

identitário, avivando a operação do sistema de marginalização dos negros e replicando-o de forma “silenciosa” e estrutural.

Destacamos, ainda no excerto [1], a política de embranquecimento da cor preta quando o internauta faz referência à sua cor como sendo “moreno claro”, numa tentativa de aproximação aos brancos e de silenciamento das vozes pretas que lutaram e as que ainda lutam para desvincular essa cor a algo que seria ruim. Lutas essas que vêm tentando desconstruir e desfazer preceitos religiosos ocidentais, por exemplo, que associaram a cor preta ao diabo em oposição ao “branco divino”, posicionando e reduzindo as religiões de matriz preta como cultos ao próprio demônio.

Dando seguimento temos o excerto [3]:

[3] Ele so falou verdades, **zumbi foi escravocata e assassino**, todos, independente da cor, raça e sexo sao iguais, tem que parar com esta politica de racismo, mais e mais fico feliz em ter votado no MITO. [JUV-GL]

No excerto [3] também aparece a questão da uniformização utópica usando o ataque a Zumbi dos Palmares, como forma de desqualificar a legitimidade do movimento negro. Pois, deturpar a imagem de Zumbi dos Palmares, que teve um papel determinante durante o período escravocrata, se tornando um líder e símbolo para o movimento antirracista, é postular que os próprios negros estiveram na mesma posição de escravagistas de negros, agindo, assim conforme os brancos e, legitimando, portanto, as práticas escravagistas. Assim, a linguagem usada serve para denegar ou afrontar o senso de humanidade dos negros e negras, colocando o movimento e seus integrantes em uma posição de vítimas de suas próprias ações, deturpando os fatores históricos que revelam as vivências dos negros perante os tratamentos perversos durante a escravidão.

Dando seguimento às análises trazemos o excerto [4]:

[10] A imprensa na sua **luta contra o Bolsonaro** distorce tudo. Não conheço bem o fulano, mas dá para ver que **está apenas com raiva das lideranças do movimento** que, sim, o atacaram antes para **atingir o presidente**, e pelo roubo do celular. **E o que ele tem dito, se não é exatamente politicamente correto leva a reflexões**, porque o **vitimismo não ajuda nada**. Não adianta esconder, **negros já escravizaram e venderam negros**, assim como brancos já escravizaram brancos. **Se somos iguais**, também o somos em nossos pecados... [SMF-GL]

No excerto [4] encontramos um jogo de oposições que é feito em relação a pessoas que supostamente querem destruir o atual presidente do país e os demais cidadãos que querem uma nação “unificada” em prol do “bem comum” já que somos “todos brasileiros e iguais”. O internauta, no excerto [4], por conseguinte, traz, em sua forma de abordar a questão, uma novidade: ele diz não reconhecer bem Camargo e reconhece que as palavras dele podem não ter sido politicamente corretas. Essas palavras, provisoriamente, nos levam a toma-lo como uma pessoa mais sensata e preocupada com os fatos em evidência. No entanto, basta continuarmos a leitura para identificarmos sua real intenção, que é a de novamente reafirmar as mesmas opiniões dos outros internautas, desqualificando ou negando a existência do racismo e reafirmando a suposta igualdade entre brancos e negros, inclusive em “nossos pecados”. Em suas estratégias discursivas ele faz uso da capacidade de reflexão, que somente é possível a uma parcela da população, notadamente, segundo ele, a parcela que “não se vitimiza”, para advogar a favor da superioridade natural de pessoas que não se deixam afetar ou se vitimizar. Ao fazer isso, o internauta colabora para desqualificar e posicionar o negro que sofre preconceitos e os movimentos antirracistas no lugar de subalternos, não por conta de sua cor e suas lutas, mas pelo fato de não serem capazes de uma reflexão “mais acurada e profunda”, em seu entendimento, que os levaria a reconhecer que, na realidade, não haveria distinção e toda a discriminação seria, então, fruto e criação dos movimentos ditos esquerdistas.

[5] Eu também penso da mesma forma, **temos que minimizar esse tipo de situação**, principalmente as que envolvem o tema racismo. Parece que **quanto mais se alimenta e dá importância para o tema, mais ele acontece**.

Quando a pessoa tem um pouco mais de cultura ela é capaz de relativizar e filtrar todas as informações e acontecimentos.

Criticar um negro que não dá importância ao racismo e ao vitimismo é o cúmulo, até porque **perante a constituição somos todos iguais**.

Se seguissem tratassem os negros sem qualquer regalia ou vitimismo, com certeza não haveria racismo e preconceito. [M-GL]

A partir do excerto [5] podemos verificar novamente o apelo à reflexão e à suposta capacidade superior de algumas pessoas em “filtrar” informações e acontecimentos. A afirmação “Quando a pessoa tem um pouco mais de cultura” e o

apelo às palavras contidas na nossa Carta Magna são notadamente uma tentativa de apelo a uma suposta coerência já que “somos todos iguais” e é justamente a existência das supostas “regalias” a causadora de todo o racismo existente. Ou seja, o internauta aqui tenta não somente desqualificar os movimentos antirracistas, mas, assim como no em outros tantos, atribui a culpa do racismo e do preconceito ao próprio negro e aos movimentos antirracistas que, no entendimento dele, se fazem de vítimas para obter privilégios. Ao proceder dessa forma o internauta representa a figura da pessoa negra que faz parte de movimentos antirracistas e de lutas por direitos como alguém que se enxerga enquanto menos capaz de conseguir destaque social ou aquisições financeiras e patrimoniais por mérito próprio, restando a ela, assim, a opção de se vitimizar para ser incluída nas cotas raciais. Tal representação, conforme já discutido, têm um efeito muito negativo, pois opera no sentido de confundir e desacreditar pessoas com identidade negra não somente em relação à necessidade e letigimidade da luta por seus direitos, mas em relação às suas próprias capacidades pessoais, cognitivas e intelectuais.

Ao usar a linguagem na tentativa de deslegitimação dos movimentos antirracistas, os internautas atacaram pessoas negras em seu íntimo e singular espaço ou lugar de seres humanos, acentuando que, embora eles sejam portadores de um cérebro tão capaz quanto o das pessoas brancas e que por isso não deveriam precisar de quaisquer tipos de direitos diferenciados, eles “optam” por se vitimizarem para, assim, conseguirem alcançar seus objetivos por meios tidos como escusos ou menos válidos por esses internautas. Ocorre que, ao fazer isso, esses internautas circunscreveram suas análises a determinado ponto e desconsideraram o real motivo pelo qual todo e qualquer movimento ou ação afirmativa não somente se justifica, mas se faz muito necessário: o fato de que esses movimentos não estão baseados em uma suposta “necessidade especial” ou “deficiência intrínseca ou genética” da população negra, mas ligados a uma tentativa de reposicionamento, equiparação, compensação e reparação à essa população por toda uma história de escravização, subjugação, negação de direitos e marginalização. Ou seja, a dificuldade de se alcançar as mesmas posições e privilégios dos brancos não está ligada à falta de inteligência ou à incapacidade intrínseca dos negros, mas foi e é historicamente imposta pela hegemonia branca que, ao longo dos séculos, vêm perpetuando práticas de subalternização das populações negras.

Tendo dado por concluída as nossas discussões e análises, ainda que tivéssemos muitos outros excertos a discutir, caso dispuséssemos de mais espaço, passamos, a seguir, às considerações finais desse estudo.

Considerações possíveis

A escrita desse artigo foi motivada pelo objetivo de analisar como alguns internautas fizeram uso da linguagem para posicionar e para desqualificar os movimentos negros antirracistas e as lutas por igualdade de oportunidades e de direitos em um episódio em que Sérgio Camargo teve o celular institucional roubado. Foi nosso objetivo, também, discutir as formas de representação dos movimentos negros antirracistas nas postagens dos internautas analisados e como a linguagem foi mobilizada e agiu no sentido de desqualificar, docilizar e converter identidades negras no intuito de que elas pudessem vir a atender aos ideais hegemônicos e tradicionais vigentes. Com esses objetivos em mente, partimos às análises e, dentre as principais discussões, estão as relacionadas às formas de representação dos movimentos e das pessoas negras e também a ação operada pela linguagem no intuito de desqualificar e deslegitimar os movimentos e os integrantes de movimentos negros antirracistas, conforme discutido.

Dando por encerradas, ainda que momentaneamente, essas discussões, resta-nos, nesse momento final, pontuar algumas questões outras. Em relação às questões de cunho sentimental¹³, por exemplo, as palavras dos internautas despertam sensações de inferioridade e de não pertencimento social, o que contribui para a diminuição do senso de valor humano, que já é constantemente negado, em consonância com a política de coisificação dos negros. Sentimentos como insegurança, angústia, temor e pusilanimidade são reforçados, uma vez que os proferimentos representam ações odiosas que geram e naturalizam violências brutais, sejam elas depreciações verbais ou mesmo assassinatos a sangue frio, como os citados no início desse artigo. Por outro lado, os atos de fala dos internautas em questão despertam também sentimento de revolta, aversão, aborrecimento e desprezo, uma vez que o interlocutor tenha conhecimento sobre as pautas dos movimentos antirracistas, pois esses atos representam uma verdade maquiada, ou seja,

¹³ É importante destacar que é possível levantar essas questões neste trabalho, pois a abordagem está pautada no espaço de fala, uma vez que um dos autores está inserido dentro do recorte, ou seja, é negro, da temática dessa pesquisa.

criada para desestabilizar, desacreditar e distorcer as pautas do movimento negro antirracista.

Mas, ainda que os interlocutores tenham conhecimento de causa, esses cenários e essas ações, construídas a partir de atos discriminatórios disfarçados, acabam por funcionar muito bem no sentido de sugar e minar as energias (físicas e mentais) dos membros dos movimentos antirracistas, numa tentativa de desabilitar e excluir das esferas sociais e dos espaços de fala o direito a protestar por aquilo que sempre lhes foi negado. Outro ponto que vale ser destacado nesses momentos finais é o fato de que os ideais antirracistas ainda são tratados e acabam por ser classificados apenas como reivindicações descabidas, apoiadas ou justificadas por supostos vitimistas que protestam de um lugar ilegítimo e ilícito. Por isso, urge que a lei passe a versar e a reconhecer que as ofensas sofridas pelos negros são apenas uma das “armas” apontadas para as cabeças da população negra, sobretudo para a cabeça daqueles que compõem os movimentos negros antirracistas e que buscam erradicar ou ao menos minimizar o sistema estrutural do racismo endêmico.

É nesse sentido que os proferimentos, as atitudes racistas ou os ataques racistas destrutivos, além de invisibilizarem os movimentos de luta antirracista (o coletivo), também agem no sentido de depreciar as identidades individuais de pessoas negras através do fator emocional, ou seja, eles agem como uma agressiva forma de controle, retirando ou subvertendo o significado da existência e da resistência do movimento antirracista, minando, dessa forma, toda e qualquer iniciativa ou desejo de perseverança na luta por uma sociedade verdadeiramente igualitária. Sentimentos de injustiça, inferiorização, indignação, tristeza e de controle sobre os corpos negros são, portanto, refletidos nas ações antirracistas. Assim, negar, deturpar, deslegitimar, desqualificar ou depreciar as pautas antirracistas é o mesmo que negar ou desconsiderar a existência de toda essa carga emocional negativa que vem sendo gerada e imputada à população negra ao longo dos séculos.

Últimas palavras: Só quem sente pode definir!

À guisa de conclusão deste texto, peço licença para algumas derradeiras palavras. Começo dizendo que enquanto negro não foi fácil ler ou mesmo analisar os comentários presentes nessa pesquisa, pois tive de saber lidar com as sensações de insegurança,

angústia, abandono, infelicidade, miséria, medo e de não pertencimento humano, sensações essas que foram, sem dúvidas, motivadas pelos proferimentos. Dessa forma o processo de escrita desse trabalho se tornou muito doloroso, pois me senti diretamente atacado pelos internautas, pois, além de habitar uma pele negra, também sou parte do movimento antirracista. Por outro lado, me trouxe a clareza de que precisamos intensificar o debate sobre como certos atos de fala atingem o emocional da população negra, desconstruindo a imagem de que são apenas opiniões descritivas e classificando-os como atos intencionais racistas, destrutivos. Além de pôr isso em evidência, precisamos punir quem propaga o ódio e o menosprezo de forma gratuita, sem pensar em como isso afeta o outro.

Quero publicizar ainda, nessa fala, o momento em que expus amigos e familiares aos comentários racistas analisados acima, tendo como objetivo identificar as reações emocionais deles. Após realizar a exposição a cada um deles, por meio da leitura, fiz a seguinte pergunta: Como você se sentiu ao escutar esses comentários? Em seguida pedi para que lembrassem uma situação de racismo que haviam passado e novamente fiz a pergunta, alterando o contexto para a situação vivenciada. O resultado de tudo isso foram feições de tristeza, raiva, medo e de incredulidade. Referente às respostas da pergunta foram descritos as seguintes sensações e sentimentos: Insegurança, angústia, pavor, tristeza, baixa autoestima, vergonha, inferioridade e junto a esses sentimentos vieram a comoção, o choro, as lágrimas de desespero por ainda sentirem na pele as discriminações de cunho racista. Dentro desse cenário, esse trabalho também assume a posição de um ato político dentro do movimento negro, buscando dar visibilidade aos sentimentos sufocados e oprimidos de todos os negros ao longo dos séculos, devido aos mais variados atos racistas. **Vidas Negras Importam Sim!!!**

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

FREITAS, A. C. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças? In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. (orgs.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

HAAS, Celia Maria; LINHARES, Milton. Políticas públicas de ações afirmativas para ingresso na educação superior se justificam no Brasil. Brasília: *Revista Brasileira de estudos Pedagógicos*, 2012. p. 836-863. v. 93, n. 235.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

MINAYO, M. C. S. (organizadora) – *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade* – Petrópolis: Vozes, 1995.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo contra negros: sutileza e persistência. *Revista Psicologia Política*, v. 14, n. 29, p. 101-121, jan./abr. 2014.

OLIVEIRA, J. A. A Pragmática em Sala de Aula. In: FREITAS, A. C. (Org.). *Linguística in focus: Linguagem e Exclusão*. v. 7. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 215-235.

PINTO, J. P. . Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 1ed. São Paulo: Cortez, 2012, v. 2. p. 47-68.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA, D. C. A.; ARAUJO, W. C. Vidas Negras Importam. *HUMANIDADES & INOVAÇÃO*, v. 9, p. 254-269, 2022.

SÊGA, R. A. *O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Anos 90, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.